

Apresentação



Rodrigo Ratier

rratier@usp.br

Editor gerente da REBEJ

Aos nossos e nossas estudantes, como devemos defender o jornalismo diante de um contexto sociotécnico de recrudescimento de obstáculos? A profissão já não goza do prestígio de outrora. Um processo longo e intenso de descrédibilização da profissão retirou o monopólio social de ser a atividade humana destinada à produção de relatos e comentários confiáveis sobre o real. A digitalização, por sua vez, abalou empresas e seus modelos de negócio a ponto de que hoje ninguém, com a exceção de uma ou duas marcas globais que confirmam a regra, pode se dizer estável no cenário jornalístico contemporâneo – ou confiante sobre o futuro. Em termos educacionais, o abuso do recurso da educação a distância e onda liberalizante impactam currículos e a relação aluno-professor, resultando numa formação muitas vezes frágil, sem aportes concretos, seja para a entrada no mercado de trabalho, seja para a construção da cidadania. Nesse cenário, cabe perguntar: o que leva alguém, hoje, a desejar cursar jornalismo?

Ainda que com temor, milhares de jovens atendem ao chamado da profissão. Por variadas razões: apreço pela escrita, vontade de conhecer histórias e o mundo, desejo de mudar o mundo. Aspirações legítimas que, no entanto, trazem embebidas algumas mitologias persistentes da profissão: a do jornalismo “romântico”, a de “ofício de espera” para uma oportunidade na literatura ou na política, a perspectiva do “jornalismo como quarto poder” ou mesmo na confusão com o ativismo e a sempre polêmica relação do dever de informar com os vieses ideológicos que enquadram o social por variadas lentes.

Nesse sentido, parece importante recuperar o caráter utópico da profissão. Ricardo Kotscho, um dos mais importantes jornalistas que o Brasil já produziu, nos lembra do encantamento com a “melhor profissão do mundo”, como ele a define. Prestes a completar 60 anos de carreira, Kotscho lembrou, em aula magna na ECA-USP publicada com exclusividade pela REBEJ, que o jornalismo não muda o mundo, mas ajuda a mostrar quem muda; que a profissão se funda no dever ético de informar corretamente; e que o interesse público e sua função social são esteios inegociáveis da prática jornalística.

Convenhamos: bem poucas profissões podem ostentar ambições tão nobres. E se há medo pelas condições atuais que de fato são duras – esperança não se confunde com otimismo nem com negacionismo –, o velho mestre pontifica: “vamos com medo mesmo”.

A presente edição da REBEJ nos dá mostras dessa pujança de docentes que insistem em ensinar, da melhor maneira possível, nossa amada e maltratada profissão. Mais do que isso, compartilham as experiências inovadoras, desafios e dificuldades, conquistas e alternativas, para que a formação em jornalismo resista e aprofunde seu caráter crítico e reflexivo. Ao olhar questionador, arriscamos dizer, testemunham o amor pela profissão, na fonte inesgotável de curiosidade sobre o outro e sobre o mundo que nos faz seguir contando histórias não ficcionais

e refletindo sobre elas. Diante das dificuldades, ficamos com o adágio do mestre Kotscho: “Vida que segue”.

Boa leitura.